

**QREN - Aldeias de Memória**

# **História de Vida**

de

**Jorge Santos Costa**

registada em 2008-09-10  
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões



## Jorge Santos Costa

Jorge dos Santos Costa nasceu nos Pardieiros, a 28 de Janeiro de 1957. O pai chamava-se Marcelino Mendes da Costa e a mãe chama-se Maria de Lurdes Jesus dos Santos. Ambos trabalhavam na agricultura, mas o pai “para além de se dedicar à agricultura, nas horas vagas fazia uns cestos”. A mãe ainda hoje continua com a vida do campo. Foi à escola até à quarta classe, mas antes disso já ia para a fazenda ajudar a mãe. Sem grande interesse pela escola, o que Jorge queria era fazer colheres. Começou a fazê-las com 11 anos. Conheceu a esposa na escola, “com 11 anos já piscava o olho”, namoraram às escondidas e casaram. Do casamento nasceram três filhos. Trabalhou na Mata da Margaraça mas nunca deixou de fazer colheres, até hoje.

# Índice

Identificação Jorge dos Santos Costa.....	4
Ascendência Marcelino Mendes da Costa e Maria de Lurdes Jesus dos Santos.....	4
Infância "Já desde pequenino".....	6
Educação "Eu à professora fazia tudo!".....	8
Namoro "Andávamos os dois na escola".....	8
Casamento "Os casamentos hoje em dia são diferentes".....	9
Descendência Os filhos.....	11
Percurso profissional O meu percurso em volta das colheres de pau.....	13
Migração "Tenho uma vida mais livre".....	14
Ofício Colhereiro.....	14
Costumes Festas Religiosas.....	21
Religião "Aqui mandam dizer muitas missas".....	22
Lugar "Toda a gente ia para a Mata".....	22
Quotidiano Agora é só telenovelas e computadores.....	25
Filosofia "Prefiro dar-lhe os estudos do que deixar-lhe uma herança".....	26
Sonhos Colher para o Guinness.....	27
Avaliação "São coisas que se perdem".....	27

## **Identificação *Jorge dos Santos Costa***

O meu nome é Jorge dos Santos Costa. Nasci em Pardieiros a 28 de Janeiro de 1957.

## **Ascendência *Marcelino Mendes da Costa e Maria de Lurdes Jesus dos Santos***

Os meus pais chamam-se Marcelino Mendes da Costa e Maria de Lurdes Jesus dos Santos.

O meu pai era natural do concelho de Oliveira do Hospital da freguesia de São Gião e a minha mãe nasceu na freguesia da Benfeita. Ela disse-me que nasceu na Mata, não sei dizer se teve assistência ou não. O pai dela trabalhava na Mata como caseiro e tinha lá casa.

Os meus pais moravam aqui em Pardieiros. Tinham a casa e uns terrenozitos, poucos. Na altura dos meus pais a vida era difícil. Eles cultivavam milho, batata, feijão e pouco mais. Tratavam também da vindima, das uvas e de tudo o que faz parte da agricultura. Quanto aos animais, tínhamos cabras, ovelhas, galinhas e coelhos.

### **A casa dos meus pais**

A minha casa era daquelas com a loja em baixo. Por cima punham o pasto e por baixo era um curral onde tinham os animais.

Tenho uma irmã que morou com a gente até se casar. Depois, como o marido já estava em Lisboa, a minha irmã foi morar para lá. Em Lisboa ela praticamente nunca trabalhou, esteve sempre a cuidar da vida de casa.

### **"Também o meu pai já trabalhava a madeira"**

Assim como eu, também o meu pai já trabalhava a madeira. Para além de se dedicar à agricultura, nas horas vagas fazia uns cestos. A profissão de cesteiro já vem da altura do meu avô. Acho que já o seu pai e os irmãos trabalhavam todos nessa área e o meu pai continuou. Não se dedicava sempre a tempo inteiro mas, por exemplo, quando estava o tempo de chuva tinha que arranjar alguma coisa

para fazer porque a vida era difícil. O meu pai, praticamente só arranjou a casa quando eu comecei a trabalhar, a fazer colheres. Isto agora está mau mas primeiro era bem pior. O meu pai vendia alguns dos cestos que fazia, aqui em Pardieiros, mas às vezes, aos fins-de-semana ia com eles às costas para a Benfeita, para a serra, para um lado e para o outro. Às vezes bebia um copo e quando chegava a casa ainda vinha com prejuízo, porque não vendia nada. Também assim ninguém multava ninguém. Na altura andava-se mais livremente.

### **"A minha mãe dedicava-se mais à agricultura"**

A minha mãe dedicava-se mais à agricultura. Trabalhava na fazenda na Mata e depois cultivou em vários lados. A gente chamava fazenda ou quinta porque os terrenos aqui são pequenos, não é assim como em alguns lados que há aquelas quintas grandes. Na altura, a minha mãe não recebia salário pelo trabalho na fazenda. As pessoas desfrutavam daquilo que plantavam. Praticamente não vendiam nada, governavam-se do que cultivavam todo o ano. Isto fazia com que os terrenos estivessem aqui todos amanhadinhos, não havia silvas, não havia nada. A minha mãe ainda agora vai para o campo. De manhã, quando eu estou a sair de casa, já ela tem ido apanhar uma comida para os animais.



**Jorge Costa (2 anos) com a irmã**

## **Infância "*Já desde pequenino*"**



**Jorge Costa**

### **As brincadeiras**

Quando era criança, jogava muitas vezes aos rebuçados e ao jogo do sete e meio. Este jogo, agora se calhar já não se usa e eu também agora já não sei como é. A gente às vezes com meio tostão comprava dois ou três rebuçados, com pouco dinheiro, por exemplo com 10 escudos, comprava-se um bolso de rebuçados e depois a gente entretinha-se a jogar. Jogávamos também às moedas, era um passatempo.

## **"Só me puxava era para fazer colheres"**

Frequentei a escola até à quarta classe, mas antes disso já ia com a minha mãe para a fazenda, já ajudava a fazer certas coisas. Andei até aos 11 anos na escola, porque fiquei um ano mal, era burro, o que eu queria era fazer colheres. A escola para mim nunca me deu grande interesse e eu era muito descuidado mesmo nos trabalhos da escola. Nunca liguei assim muito, só me puxava era para fazer colheres. Comecei assim nisto com 11 anos e fui sempre seguindo. Se um dia fazia dez ao outro dia queria fazer 20. Já desde pequenino que sempre gostei de fazer as colheres.



**Jorge Costa (20 anos)**

## **"Foi sempre uma loucura para isto"**

*A minha mãe às vezes ia levar o almoço ao meu pai à fazenda. Houve um dia que chegou a casa e eu estava ali e nem sequer tinha começado a fazer mas peguei ali numa machada, que ainda hoje tenho uma machada velha, e em vez de trabalhar em cima do cepo, trabalhava mesmo no chão e dei com uma machada na mão. Já vinha a sangrar para o tanque para me lavar, quando ela vinha a chegar. Foi sempre uma loucura para isto.*

## **Educação "Eu à professora fazia tudo!"**

Eu nunca andei noutra escola senão aqui nos Pardieiros. Na escola, pelo menos na quarta classe, no meu ano éramos oito, todos daqui da freguesia. Como não tinham lá escola, juntava-se aqui também o Sardal e o Enxudro

A minha professora chamava-se Ana Augusta. Era boa professora. Eu fazia-lhe tudo. Até estendia e apanhava roupa, ia-lhe levar as cartas à Benfeita ao correio e tudo, a pé! Ela achava-me jeitoso para isso e também contava para não levar reguadas.

### **As cartas da professora**

*Não era sempre eu que lhe ia levar as cartas à Benfeita. Havia um que uma vez foi-lhe levar o correio e depois escondeu-lhe as cartas, pô-las debaixo de uma pedra. Mais tarde uma rapariga aqui da terra andava lá a roçar um bocado de mato para os animais e encontrou lá aquilo. A professora veio a saber e um dia chamou-nos a todos para saber quem tinha sido, senão levavam todos. Mas depois ela descobriu quem foi e já não houve festa aquele dia.*

A professora tinha muita correspondência, muita mesmo. No dia em que ela não tivesse correspondência já não ficava satisfeita na escola e era mais complicada. Quando ela tinha cartas, começava-se a rir e já ficávamos mais à vontade.

Ela ensinava bem e havia aqui um rapaz que tirou o 12º ano com ela e tudo. Só levava a exame quem realmente soubesse que ficava bem. Eu por exemplo, fiquei mal um ano porque ela mandava-me os deveres para eu fazer em casa mas eu não fazia nada. As contas que ela me passava, eu sentava de manhã, metia os números tudo ao calha, tudo à sorte. Fazia sempre, mas nunca ia nada certo, era tudo feito à toa. Eu não gostava e não me dedicava à escola. Depois para o fim a professora também se começou a relaxar um bocadito. Já não foi na minha época, mas começou a mandar os miúdos buscar azeite que os pais tinham e outras coisas de casa para ela, mas as mães começaram a descobrir.

## **Namoro "Andávamos os dois na escola"**

Conheci a minha esposa aqui, na escola, nos Pardieiros. Andávamos os dois na escola, eu saí um ano ou dois antes dela. Ela não gostava muito de brincar.

Morava numa quinta e às vezes chegava até muita atrasada à escola. Quando chegava já a gente lá estava e então ela não vinha aí muito para as brincadeiras. Com 11 anos já piscava o olho à minha esposa na escola. Ela era de uma classe e eu era de outra.

## Os ditados

Na escola, a gente fazia ditados, que agora já nem sei como é que chamam a isso, e os da terceira, por exemplo, iam corrigir os erros dos da quarta. Era só ela e uma outra rapariga que era do Sardal da terceira classe e na quarta éramos uns oito. E eles iam corrigir os erros depois iam lá para o fundo da sala e punham-se a apertar e ela era como quem diz:

- "Hoje vai haver festa!"

Depois a professora dizia que, por exemplo se desse dez erros, levava 20 reguadas e eram elas que davam as reguadas. Houve uma vez que conforme eu estava com a mão para me darem as reguadas, tiro a mão, porque não ia levar as 20 reguadas numa mão, dez numa, dez na outra. Ao tirar a mão, a régua passa ao lado da cabeça da professora e foi malhar na parede e eu assim:

- Tinha-la bem segura, não tinhas?

Ela é que corrigia os meus erros e depois batia-me, levei muita porrada dela na escola. Foi assim que eu conheci a minha esposa.

Depois de sair da escola, fui trabalhar para o campo e ela também lá trabalhava. Ainda me ajudou a acartar muita madeira até para as colheres, ela e a mãe. Já havia uma convivência com a família dela e até ajudávamos muito aí nas fazendas, o meu pai, a minha mãe e a gente trabalhávamos lá para ela na quinta. Ajudávamo-nos uns aos outros.

Na altura não pedi a minha mulher em namoro, namorávamos às escondidas. Nos tempos de namoro, às vezes faziam aí uns bailaricos aos domingos e começou assim. No fim casáramos e temo-nos entendido. Desde que a conheci até casarmos foram para aí dez anos.

## Casamento "*Os casamentos hoje em dia são diferentes*"

Casei com 20 e tal anos. Falei com o pai dela e disse-lhe que queria casar com a filha dele. O casamento foi aqui em Pardieiros, em Setembro. Os casamentos hoje em dia são diferentes, mas naquela altura foi tudo feito aqui pelas pessoas da terra, faziam aqui a comida e tudo, agora não. Agora é tudo

servido pelos restaurantes. No dia do meu casamento o prato era chanfana, mas isso é em todo lado. Houve arroz-doce, tigelada, coscoréis, muita coisa. Tivemos que chamar o padre que veio da Benfeita mas agora está em Góis.

Depois de casado fiquei a morar em casa dos meus pais em Pardieiros.



**Casamento de Jorge Costa e de Maria de Lurdes Santos (1 de Setembro de 1979)**

### **A minha esposa**

A minha esposa nasceu na freguesia do Piódão, em Malhada Chã e veio para Pardieiros já para aí com uns 10 ou 12 anos.

Neste momento a minha mulher anda a tirar o nono ano. Eu tenho um currículo que dava para fazer o nono ano por exemplo, que ela ajudava-me:

- "O nono ano praticamente tinha-lo feito!"

E eu disse:

- Não, não quero, não me vou meter nisso.

Eu apoio e acho que é sempre bom estudar. Por eu não querer ou não gostar, não retiro ninguém de ir. Ela sempre gostou da escola, foi uma coisa que ela gostava de ter seguido mas os pais não tinham possibilidades. Sempre disse e ainda hoje é o dia em que ela diz:

- "Deus dá as nozes a quem não tem dentes para as roer."

Ela gostava e aprendia bem quando andava na escola mas não seguiu e agora lá anda. Mete-se em muita coisa que, por vezes, nem tem vida para isso, mas vamos ver se ela vai conseguir fazer agora aquilo. Ela lá anda a fazer a escrita, aquela coisa toda. Já lhe comprei até um computador e tudo para ela se entusiasmar ainda mais. Ela gosta daquilo. Com muito que tem de fazer em casa mas tem sempre horas disponíveis para estudar. Às vezes está lá no computador até às tantas. No fim-de-semana, quando está na Mata da Margaraça, se não tem muito que fazer leva o computador e lá se entretém, porque o computador é portátil e dá para levar de um lado para o outro. Eu é que lá não vou mexer, se ele aparecer estragado eu não o estrago, só se o computador desse para fazer colheres.

## **Descendência *Os filhos***

Os meus filhos, já nasceram em Lisboa. Nasceram em Lisboa porque, aqui meios de transporte para ir para os ter é complicado. Isto agora já não é como era primeiro que tinham os filhos em casa e tudo, agora é diferente. A minha irmã estava lá em Lisboa e como era mais perto de tudo, quando estava assim mais próximo do tempo, ela ia para a casa da minha irmã. Teve-os todos os três lá em Lisboa.

### **O Nuno**

O meu primeiro filho chama-se Nuno, tem 28 anos e nasceu passado um ano e pouco de estarmos casados. O Nuno frequentou a escola na Benfeita porque aqui já não havia escola. Ele tem o 12º incompleto. Enquanto frequentava a escola, ajudava no campo, isso era actividade em que tinha de dar uma mãozinha. Está sempre disposto a trabalhar no campo e sabe de tudo. Nunca gostou muito de aprender a fazer colheres. Ainda lhe dá um jeitito mas nunca seguiu isto. Eu também não tinha assim muita paciência para o ensinar, ensinei dois e chegou. Trabalhava nas obras e na construção, dava uma mãozita nas obras aqui na freguesia ou em qualquer lado. Depois lá seguiu e andou muitos anos ainda por aí e agora é GNR. Fez o curso em Portalegre depois esteve ali um tempo na Murtosa, ao pé de Aveiro e dali foi para o Algarve. Agora, está no posto em

Arganil, veio para perto. Praticamente está na terra, está no concelho. Mora em Arganil e aqui, está nos dois lados. Vem cá ao fim-de-semana e quando tem um dia livre.



**Dia da Profissão de Fé de Nuno Miguel, filho mais velho de Jorge Costa (da esq. p/ dta: Jorge, Maria de Jesus, Nuno Miguel, Jorge Costa e Marina, à frente)**

### **O Jorge**

A seguir temos outro menino, que agora é um homem, o Jorge Manuel dos Santos Costa. Trabalha na distribuição de gás no concelho de Arganil. Nunca quis experimentar o ofício do pai. Em pequeno, se eu o fizesse estar agarrado à machada começava logo a chorar. Tinha medo de se aleijar. A rapariga dele também diz que se ele não gosta que não merece a pena estar a teimar. Está ainda aqui a morar comigo, em Pardieiros, mas já se está a preparar para sair daqui porque comprou um andar em Arganil.

## A Marina

Por último, temos uma filha, a Marina com 18 anos. Ainda é estudante, tem frequentado a escola em Arganil mas agora não sei se ela irá para algum sítio. Neste momento concorreu para a universidade mas não tomei sentido no curso que ela gostava de ir. Se tiver de sair daqui, ir para outro sítio estudar, se eu puder, terei gosto em ajudar, gostava que ela fosse para a faculdade.



**Filhos de Jorge Costa: Nuno, Jorge, Marina  
e a sobrinha Joana (da esq. para a dta.)**

## **Percurso profissional *O meu percurso em volta das colheres de pau***

Eu trabalhei na Mata da Margaraça um tempito e ajudei até na construção do rodízio e a fazer aquilo tudo. Trabalhei lá uns 8 anos.

Trabalhava também no artesanato de colheres de pau e fazia umas gamelas para vender às pessoas que passavam.

Fazia também umas limpezas, no corte das madeiras e na limpeza da Mata.

Por acaso não fui à tropa. Foi na altura do 25 de Abril, do Mário Soares e naquela altura safei-me. Eu na altura fiquei apurado mas depois foi passando, foi passando e não me chamaram. Foi da maneira que eu fiz mais umas colheres.

## **Migração "*Tenho uma vida mais livre*"**

Eu fui para Lisboa trabalhar durante pouco tempo, meio ano. Foi aí há uns 26 ou 27 anos. Já estava casado e a minha esposa acompanhou-me. Na altura, ela não fazia nada porque para além da estadia ter sido curta, o meu filho mais velho ainda era pequeno. Fui para Lisboa para ver se me governava lá mais, se ganhava mais, mas acabava por ganhar menos que aqui. Eu ganhava lá 7 ou 8 contos e aqui já ganhava uns 30 nas colheres. Em Lisboa tinha de trabalhar muitas horas, de noite e de dia. Assim, mais vale ir para Pardieiros que tenho uma vida mais livre. Ao ser empregado em Lisboa, tinha que cumprir os horários e eu assim aqui trabalho o tempo que quero. Não trabalho menos por isso, trabalho até mais, porque trabalho muito mais horas, mas se me apetecer amanhã sair e ir fazer outras coisas, não tenho contas a dar a ninguém, nem a pedir a ninguém. Não tenho de estar a pedir a patrões nem nada. Eu sou patrão de mim mesmo. Por isso eu costumo dizer:

- Eu faço aquilo que quero e me apetece e ainda me sobra tempo.

Passado meio ano regresssei a Pardieiros, gosto mais destes ares daqui e do trabalho aqui.

As pessoas que saem aqui da terra vão mais para Lisboa. Não estou a ver ninguém daqui no estrangeiro.

## **Ofício *Colhereiro***

Eu aprendi a fazer colheres com o meu padrinho que se chamava Mário Francisco e era aqui de Pardieiros. Tinha 11 anos e foi logo assim que saí da escola. Estive lá pouco tempo, para aí um mês nem isso, ao pé dele a aprender. Na escola já pregava umas partidas e já ia fazendo, fugia para as colheres. Comecei por fazer a colher número dois.

## Os nomes das colheres

Todas as colheres têm números e um nome. Agora tenho uma pequenina desde que, comecei a andar nisto no artesanato, que é a colher Coimbra. Comecei a fazê-las praticamente em Coimbra, na feira, já há muitos anos. Eu tenho lá diplomas de tudo em casa mas não sei há quantos anos é que comecei nisto no artesanato.

Começámos a fazer a colher pequenina em Coimbra, ficou com o nome Coimbra. Depois a seguir temos a colher Fina. Depois há: Marroquina, Betão, Porto, Meias, Rabudas. A partir daí é colheres de 80 centímetros, 1 metro, 1,20 metro, tudo depende do tamanho que depois se quer fazer. Os nomes das colheres já existiam. As pessoas já faziam aqui as colheres e já lhe davam os nomes. Eu penso que foram as pessoas daqui de Pardieiros que puseram os nomes mas não tenho a certeza. Só aqui na freguesia é que faziam colheres. Mesmo as pessoas que saíram daqui para fora e foram para outras aldeias como, por exemplo, um sujeito que foi para Góis, era daqui. Casou lá em Góis mas era tudo daqui da freguesia da Benfeita.



**Jorge Costa na Feira de Artesanato e Gastronomia da Marinha Grande**

## "A gente vivia aqui das colheres"

Antigamente, quando eu comecei a fazer colheres já cá vinham pessoas buscá-las. Vinha cá um homem aqui da Benfeita que tinha ali um armazém, tinha um burrozito com uma carroça e vinha cá buscá-las ao fim de semana. Sempre vendi para ele. Vinha buscar a mim e aos outros, na altura toda a gente vivia aqui das colheres.

## As feiras de artesanato

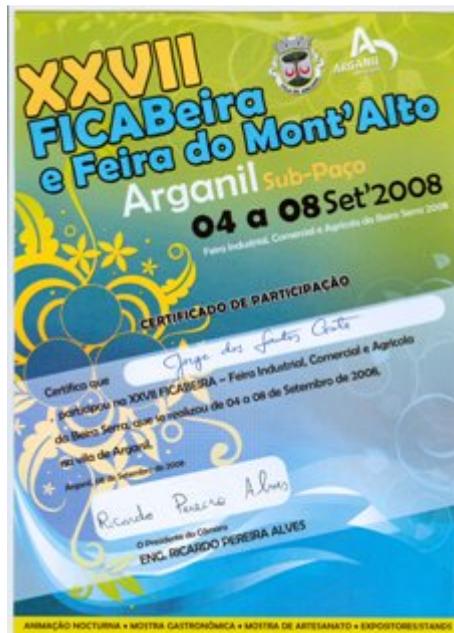
No início, não era preciso ir para as feiras, hoje em dia vou porque gosto. Assim que comecei, também com ideias de ganhar mais algum, em lugar de estar a vender para armazéns e depois em lugar deles ganharem, posso eu vendê-las mais bem vendidas e até fazer uns preços mais baratos do que eles. Por exemplo, eles vendem depois nas feiras, vendem para feirantes, para várias pessoas, eu assim posso vendê-las quase ao preço que eles do armazém vendem ou até ainda vender mais barato e assim, em vez de estar a dar dinheiro a ganhar, ganho eu.



**Diploma da VI Feira de Artesanato, Turismo,  
Agricultura Comércio e Indústria de Lagoa (FATACIL)  
realizada de 23 de Agosto a 1 de Setembro de 1985**

De outra forma sempre dá para passear. Mas não é só o passeio, também sempre gostei do trabalho. Desde que comecei a andar nas feiras de artesanato, comecei a gostar e a entusiasmar-me e continuo até poder.

A minha primeira feira de artesanato foi em Coimbra. Naquela altura o Presidente da Câmara dava-nos apoio, dava-nos transporte para ir e vir de Coimbra, todos os dias. Depois, a partir dali fôramos para várias. A primeira feira no Algarve foi em 1983 ou 1984.



**Diploma de participação de Jorge Costa na XXVII FICABEIRA - Feira Industrial, Comercial e Agrícola da Beira Serra realizada de 4 a 8 de Setembro de 2008**

Estive em Vila Nova de Cerveira e no Algarve, também com o apoio da Câmara. Depois aqui na zona começaram a fazer muitas feiras de artesanato, em Arganil, Góis, Lousã, Poiares e por muito lado, agora o que mais há são feiras de artesanato. Não posso estar em todas mas faço umas 20 e tal feiras por ano. Vou desde Vinhais, Trás-os-Montes, que é a primeira do ano em Fevereiro e depois até ao Algarve, desde o Norte ao Sul do país. Percorro feiras de artesanato e

feiras medievais onde também dá jeito ter lá um colhereiro. Estive também em Oliveira de Azeméis

## **A madeira para as colheres**

Vou buscar a madeira para as colheres com o tractor mas não vou a todo lado. Os terrenos aqui são muito acidentados e a gente não consegue ir a todo lado, ainda tenho de fazer como antigamente. Parte do caminho tenho de o fazer com o pinho às costas. Eu tenho uns pinheiros no fundo da povoação que, se quiser usá-los, tenho de os trazer ainda bastante tempo às costas até chegar ao tractor. São aí 150 metros, mas a subir. Antigamente trazia-os até aqui e era 1 quilómetro ou mais.

## **As perdizes**

*Também já me tenho assustado. Eu ia para a madeira para as colheres, saía de casa muito cedo para buscar madeira para começar a fazer as colheres e um dia ia aqui em cima e levantaram-se duas ou três perdizes. As perdizes quando se levantam a voar parece que dão um assobio, ou qualquer coisa. Nesse dia levava a machada, levantei-a logo no ar, ai não!*

## **Como se fazem colheres de pau**

O número de colheres que faço por dia depende do tamanho da colher. Se forem colheres pequenas pode-se fazer mais alguma coisa, se forem grandes já se fazem menos. Passo horas e dias a fazer isto. De manhã é que se começa o dia e mal acordo vou logo fazer colheres. Quando começa o dia a escurecer, levo-as para casa. Faço serão e já fiz muitas colheres até à meia-noite, uma da manhã e às vezes até de madrugada. É o gosto pela profissão. Quando eu comecei a fazer colheres, não tinha luz em casa, era com um candeeiro a gás e às vezes a petróleo. Por isso é que eu agora já preciso de óculos para fazer as colheres. São muitas horas e cansa a vista.

Para fazer as colheres usava-se o serrote. Cortei muita madeira com o serrote mas agora é com a motosserra. São precisas quatro ferramentas para fazer as colheres: a machada que é para talhar; a encho que é para tirar uma parte por dentro, para escavar que assim é melhor para fazer o acabamento; a legre é para fazer a concha da colher; e a faca. A madeira que se usa é de pinho e vou buscá-

la ao pinhal. Dantes, com o serrote, tinham que ser duas pessoas uma de cada lado a cortar. A gente traz os rolos da madeira, estes são abertos aos bocados, racha-se e depois dali é que se começa.



### **Jorge Costa numa festa de Artesanato (Vila Franca de Xira, 1991)**

Sempre gostei disto porque não sou como aquelas pessoas que se cansam de estar sempre a fazer o mesmo. Já me têm até dito isso, que não sabem como é que eu não me canso de estar sempre a fazer o mesmo, é preciso ter gosto para estar nisto. Enquanto estou a fazer as colheres, penso em fazer quanto mais melhor. A gente chega a um ponto que já não se aperfeiçoa mais.

Há sempre uma diferença de uns para os outros. Eu não vendo colheres para certos sítios mas se houver colheres minhas, por exemplo, em Lisboa ou noutro lado qualquer, eu conheço-as e conheço colheres de alguns colegas. A gente conhece o trabalho uns dos outros porque não há nenhum que trabalhe igual, tudo trabalha diferente. Isto não é feito à máquina e a gente às vezes vê o trabalho uns dos outros e conhece. Eu se encontrar uma colher no Algarve ou seja lá onde for, eu sou capaz de dizer assim:

- Esta colher foi feita por mim.

Agora já há poucos mas os poucos que há conheço-os. Os meus cunhados ensinei-os aos dois.

Acompanho o rancho do concelho de Arganil já há uns anitos. Eles convidaram-me para eu estar a fazer umas colheres de pau quando eles estavam a actuar, por exemplo 15, 20 minutos mas não lhes levava dinheiro e depois ia com eles daqui para vários lados. Deixei de ir porque, às vezes, chegava-se muito tarde e eu ia ao fim-de-semana, quando chegava na segunda-feira já não me apetecia fazer nada, perdia muito tempo e acabei por não ir mais. Ainda fui com eles duas vezes ao estrangeiro, fui a vários lados, estive em vários sítios. Estive no Mediterrâneo, depois outra vez fui para o Luxemburgo, Paris, Dinamarca, fartámo-nos de andar, tudo de autocarro. Gostei muito de ir.

Voltei ao estrangeiro, também a vários sítios, com outro rancho que também faz parte da Casa da Comarca de Arganil que é da Ribeira de Celavisa, de Lisboa, mas tudo pessoal também daqui do concelho de Arganil. Fazia a mesma coisa, estava sempre lá entretido a fazer umas colheres. Quem vendia era uma senhora que foi a fundadora do rancho, que já morreu, ela vendia e depois o dinheiro era para o grupo. Por exemplo, no Luxemburgo, aquilo há lá muito português, e houve um dia em que os outros até foram passear e eu a mais ela fôramos fazer colheres à porta lá de um estabelecimento de um português, eu a trabalhar e ela a vender as colheres.

Já me têm convidado para ir a Espanha para feiras e tudo mas eu nunca gostei, porque os espanhóis gostam muito de mexer mas comprar, não compram.

As viagens eram uma diversão mas também um bocado cansativo. A gente sair daqui, por exemplo, à meia-noite de Arganil, aquela noite toda, o outro dia todo, a outra noite toda e só chegar lá a Paris ao outro dia lá para o meio-dia, é muito cansativo. A gente estivemos lá ainda para aí uma semana e tal, também em casa de pessoas portuguesas a dormir e a comer.

Se não fosse assim em casa de pessoas portuguesas, como na Dinamarca que foram cinco dias, comíamos ração de combate que eram enlatados, pão, um sumozito, umas coisitas tipo mortadela, umas caixinhas como as de manteiga e doces. Íamos tomar de manhã o pequeno-almoço e aviavam-nos logo a comida numa caixita de cartão para todo o dia. Aquilo era individual, íamos, por exemplo, lá a um jardim e comíamos. Um dia de manhã diz um assim:

- "Olha, vão lá agora que hoje o cesto vem mais bem aviado, hoje a mim calhou-me um cu de um pepino!"

### **Arroz debaixo da ponte**

*Quando foi no regresso de lá para cá, fizeram um arroz debaixo de uma ponte, depois em lugar de pôr colorau no arroz, puseram picante, a malta quase*

*nem comia, mas eu comi bem que já vinha com saudades de comida assim. Depois de lá estar cinco dias, depois da ração de combate, tudo ia.*

A cidade que mais gostei foi Nancy, em França. Onde eu vi mais portugueses foi no Luxemburgo. Visitámos pessoas que aqui conhecíamos e conheciam aquilo tudo e foram com a gente visitar catedrais e corremos aquilo tudo.

## **Costumes *Festas Religiosas***

A organização da festa de São Nicolau dependia se houvesse mordomos ou não. Os mordomos são quem faz a festa. Este ano são uns, para o outro ano são outros. Por exemplo, podem ser dois este ano e para o ano que vem nomeiam outros dois. Não são sempre os mesmos. Se não houver, pode haver uma comissão da terra que organize e faça uma festa. Este ano acho que nem havia ninguém para fazer a festa mas depois lá se arranjou. Eu não passei cá a festa não sei o sucedido. Já há bastantes anos até que não passo cá a festa. Antigamente a festa tinha mais gente e as pessoas até acho que, participavam mais do que agora. Agora separam-se mais das coisas, não são tão unidos, as pessoas já não são como eram primeiro.

A festa aqui, antigamente, era à quinta-feira e acho que até era em Setembro, agora é que passou para Agosto e para um fim-de-semana. São três dias, sexta-feira, sábado e domingo. A festa geralmente é ao sábado. Há missa, procissão, baile de conjuntos, arraial e a noitada antes da festa.

### **A noitada de São Nicolau**

É costume cá da terra, na festa de São Nicolau, na noitada antes da festa, as pessoas andarem pela aldeia. Chamam dois acordeonistas e depois anda aí o pessoal, pelas casas, a cantar de porta em porta e têm sempre uns bolos e umas bebidas, para irem comendo e bebendo toda a noite. Fazem o jantar à meia-noite e depois é cantarem e beberem até de manhã.

### **O São João e o Santo António**

Pelo São João e pelo Santo António antigamente também faziam umas coisas engraçadas. Tiravam os vasos às pessoas e iam pôr ao pé de um chafariz. Ainda fizeram este ano ali na Benfeita. Tiraram lá um que era bastante

pesado, ficou lá ainda bastante tempo. Fazia-se também umas fogueiras com o rosmaninho e depois andava o pessoal aí a saltar. Ainda fiz muitas, às vezes à porta do meu pai. Havia muitas tradições mas tudo isso já acabou, já ninguém faz nada.

## **Religião "*Aqui mandam dizer muitas missas*"**

Aqui o santo padroeiro da terra é o São Nicolau. E depois há vários como a Rainha Santa e o São Benedito.

Temos missa só aos domingos na freguesia na Benfeita. Em Pardieiros é só quando as pessoas a mandam dizer e aqui mandam dizer muitas. Foi sempre assim porque o padre era da freguesia não era só padre aqui. Quando queremos mandar dizer uma missa chama-se o padre da freguesia que agora é de Côja. Este padre agora está lá em Côja mas faz umas poucas de freguesias. Há falta de padres.

Eu frequentei a catequese mas também não era assim muito do meu agrado. Ainda há catequese na Benfeita.

A minha mulher fez o curso para leigo e este ano deu catequese ali na Benfeita a uns miúdos. Vai lá todos os domingos, ajuda o padre na missa e também nas romarias.

## **"Sou católico não praticante"**

Sou católico não praticante porque não vou muito à missa. Não sou daqueles que ando lá todos os dias ou por exemplo a "bater com a mão no peito". Vou quando posso. Se fosse praticante iria todos os domingos. Até quando saio daqui e vou para outro lado qualquer, uma hipótese, para Lisboa ou vou para o Porto. Ao domingo há pessoas que não podem ficar sem missa, mas eu se ficar não me faz diferença nenhuma e nem sequer me dou ao cuidado de ir à missa. Mas já tenho ido, com colegas até, há pessoas que dizem:

- "Ai vou à missa."

E eu vou também. Ainda o ano passado estive em Aveiro, na feira, estava lá um sujeito lá de cima do norte, ali de Guimarães e o homem todos os domingos tem que ir à missa. Como andávamos os dois em companhia, ele ia e eu também fui à missa. Acompanhei-o e não fiz mal nenhum por isso. Sozinho já não me dá para isso. Ao domingo, sou capaz de agarrar e ir com a mulher até à missa mas vou se tiver que ir, se estiver disponível.

## **Lugar "*Toda a gente ia para a Mata*"**

Eu ouvi dizer que em tempos chamavam aqui a Aldeia de São Nicolau, mas eu sempre conheci isto como Pardieiros. Dizem que o nome significa casas velhas.

Antigamente os campos à volta de Pardieiros estavam mais arranjadinhos, agora estão cheios de mato. Eu gostava de cá vir daqui a 50 anos ver isto, já aqui não haverá nada. Ninguém aqui virá a esta povoação de certeza. Antigamente as pessoas trabalhavam no campo e mantinham isto arranjadinho. As pessoas semeavam nestas terras, mesmo batatas. As terras melhores à beira das ribeiras onde tinham as águas eram aproveitadas para terem o milho. Nas terras mais secas semeavam centianinho, trigo e era onde faziam depois as malhas do centeio. O centianinho é um grão como o trigo que era levado para moer no moinho e servia para o fermento para cozerem o pão.

Antigamente toda a gente ia para a Mata. Ainda me lembra de uns bocados cultivados lá, mas era já pouco. Agora, já só lá trabalham duas pessoas daqui, ninguém quis continuar lá. A Mata agora também não dá para cultivar porque aquilo está tudo cheio de árvores.

Temos aí uns quantos moinhos, mesmo na beira da ribeira, ao fundo da povoação. Na Fraga da Pena também havia uns três ou quatro. Desde o fundo da povoação até à Mata da Margaraça havia para aí uns dez. Agora está lá um que acho que ainda funciona.

### **Alcunhas da terra**

Todas as pessoas das povoações aqui em volta têm alcunhas. Da Benfeita, do Sardal, do Enxudro, do Monte Frio. Eu não as sei todas. As pessoas de Pardieiros são conhecidas como os "Ralhadores". Quem sabia isto tudo era um tipo que havia aí que era carteiro na altura em que se andava aí a pé.

### **"Eram mais de 30"**

Quando eu comecei a fazer colheres, em Pardieiros, era porta sim, porta sim, tudo a fazer colheres, eram mais de 30, tudo a viver das colheres. Saíam carradas e carradas de colheres todas as semanas daqui. Não sei para onde iam, mas desapareciam. Bem feitas ou mal feitas as colheres vendiam-se. Eu não me lembra mas ouvi falar que o meu padrinho às vezes saía daqui, despachava umas colheres e depois ia daqui, por exemplo, até Santarém e ia-as vender. Havia um

sujeito na Esculca que tinha um armazém. Isto não havia estradas e eles tinham de pagar a pessoas para lhes levarem as colheres à cabeça e às costas até à Esculca, quando era aos fins-de-semana, para venderem lá para o armazém. Eles faziam muitas e não podiam com elas todas. Na altura não havia tractor, era tudo às costas daqui para lá, por caminhos e atalhos. Então o homem lá lhes pagava e depois no armazém é que davam andamento às coisas para um lado e para o outro, lá as despachava.

Ainda hoje há quem faça colheres em Pardieiros. Para além de mim temos aqui o António, depois está lá outro em baixo que também trabalha na junta, faz umas colherzitas e há um terceiro que está até na casa do convívio.

### **Pardieiros, antes e depois**

Aqui em Pardieiros, agora e sempre se trabalhou na agricultura. Para além do meu pai que era cesteiro, havia também carpinteiros. As pessoas daqui trabalhavam na floresta e governavam-se com as coisas da terra. Havia sempre dias para ganharem dinheiro, agora é que não há. As pessoas foram saindo. Os novos procuraram vida melhor, os velhos vão morrendo e isto está a ficar sem ninguém. Dos que foram para Lisboa, alguns poderão estar pior, outros estarão melhor. Da minha idade, quase que fui só eu que cá fiquei e não sei se estarei melhor, se estarei pior que os outros. Quase ninguém voltou, ficaram lá todos.

Agora temos o correio, distribuído pelos CTT, que vem trazer a correspondência de carro, mas nem sempre foi assim. Antigamente o correio vinha a pé e de burro e fazia mais terras que fazem agora. É da Benfeita que parte actualmente a volta do correio. O carteiro sai de Côja e depois vem dar a volta pelas terras.

Em Pardieiros não há médico permanente. A gente aqui tem que ir a Arganil e lá é que há o posto do hospital, das urgências. Antigamente, dizem que vinha cá um médico a pé e outra vez a cavalo, mas já não é da minha lembrança.

Eu espero não ficar doente mas para cuidar de uma constipação, tenho chazinhos. A minha mulher tem muito conhecimento dessas coisas das ervas e às vezes tem chás disto, chás daquilo. Porque ela, como lê os livros tem muito conhecimento das árvores e plantas. Se me aleijar num pé, recorro a uma rapariga que há aqui na Benfeita. Já lá tenho ido para ela me curar. O avô dela sabia e ela também dá injecções e tudo. Não sei se será enfermeira mas deve ter algum curso qualquer. A gente aqui para ir ao médico só se for a Arganil ou a Côja e nem sempre tem lá gente.

Da minha terra só tenho a dizer bem. Eu de culinária não percebo nada, graças a Deus nunca me foi preciso fazer comida. Vou comer a casa da minha

mãe, enquanto ela me puder fazer a comida. Mas sei que os pratos tradicionais são: a chanfana, arroz de fressura, arroz-doce e tigelada.

Eu ando por alguns lados e as pessoas às vezes dizem-me assim:

- "Ai o senhor é do Piódão?";

- Não. Eu não sou do Piódão. Mas sou de ao pé da Fraga da Pena.

- "Ai já lá fui porque é muito bonito! Já fomos ao Piódão."

Eu também não lhes vou dizer que não. Às vezes eu até digo assim:

- Eu lá a Fraga da Pena até é muito raro lá ir.

E depois dizem-me assim:

- "Ai não me diga que não gosta daquilo!"

- Não, por acaso nem ligo muito aquilo.

Como já sou de cá, nem me lembra quando fosse ali à Fraga da Pena. Mas as pessoas vêm aqui e gostam. Isto poderia estar melhor, por exemplo, se estas casas fossem algumas em xisto.

Quanto às pessoas cá da terra, acho que, quando vêm aí também não tratam mal ninguém, de momento que também não venham fazer mal.

## **O que melhorou em Pardieiros**

Eu lembra-me da estrada aqui para os Pardieiros e de não haver estrada da Benfeita para cima. E depois estive muito tempo parada ali na Senhora das Necessidades.

Tivemos aí doutores e boas pessoas que ainda fizeram boas obras e tinham posses para ajudar a fazer melhoramentos na terra.

Para além da estrada que foi aqui uma melhoria em Pardieiros, do meu tempo de infância para agora, os terrenos de cultivo e tudo estão cada vez pior, tudo para pior. Os melhoramentos sentiram-se nas casas. As pessoas vivem melhor, tem melhores casas, na altura viviam mal, não tinham casas como têm agora. As casas e as estradas são o principal mas onde as estradas melhoraram, há outros carreiros que havia por aí, percursos que agora fazem, tudo isso piorou. Porque tudo isso acabou, agora já lá ninguém pode passar. Está melhor nuns sítios, está pior noutros.

Era preciso arranjar mais postos de trabalho, para trabalharem a madeira e as coisas cá da terra.

## **Quotidiano Agora é só telenovelas e computadores**

Antigamente, ao serão jogava-se às cartas, às vezes aos rebuçados, havia sempre umas brincadeiras à noite diferentes do que são agora. Agora não, é só

telenovelas e computadores. A pessoa está ali com os olhos fixos para a televisão, depois a partir dali, por exemplo a mim chega-me o sono e vou para a cama. Às vezes nem conversam os pais com os filhos. Era bem melhor na altura dos meus pais do que agora a verem a novela e estarem todos calados. O convívio lá em casa acho que era melhor naquele tempo. Na altura dos meus pais, o convívio em família era muito diferente porque as pessoas agora só olham para a televisão, computadores, isto e aquilo.

### **Filosofia *"Prefiro dar-lhe os estudos do que deixar-lhe uma herança"***



**Casamento de Nuno, o filho mais velho  
de Jorge Costa (30 de Agosto de 2005)**

Gostava que a minha filha fosse para a faculdade. Isto hoje em dia está difícil para se conseguir empregos e se não tiver estudos é que nunca arranja

nada. É sempre é bom, uma pessoa, se conseguir, deixar-lhe alguma coisa para ela ter hipótese de se governar melhor do que aqui. A gente às vezes vale mais deixar-lhe alguma coisa assim do que até deixar dinheiro ou isto ou aquilo. Prefiro dar-lhe os estudos do que deixar-lhe uma herança para ela se conseguir governar sozinha.

Eu acho que os estudos são importantes. Se eu tivesse o nono ano eu podia ser guarda da natureza, fui convidado para isso, para estar aqui na Mata da Margarça. Só com a quarta classe não deu.

Às vezes a gente está aqui e como gosta disto, não sai hoje, não sai amanhã, nunca mais sai, acaba por cá ficar. Isso também é pior até para os filhos porque acabam também eles por ficar aqui. Aqui não há nada onde alguém se possa governar. É necessário sair e isso implica gastar dinheiro todos os dias. O meu filho mais novo, todos os dias vai para Arganil, a despesa que ele não faz para ganhar alguma coisa. É por isso que por eu ficar aqui, também lhe tolhi a vida e eles.

## **Sonhos Colher para o Guinness**

Já andei com a ideia de fazer uma colher bem grande, para o Guinness. Está previsto, talvez para o ano. Eu já tenho duas colheres grandes que eu fiz. Não sei se poderei participar a ajudar porque querem-na fazer em Agosto e eu nessa altura também tenho o meu trabalho. Não sei se vou conseguir.

O projecto é de fazer a colher maior que existe, que leve aí pelo menos mais de 5 litros na concha e comprimento aí de 10 ou 12 metros! Ou 6 ou 7 metros, como entenderem e conforme a árvore que arranjam. Vai ser uma coisa que vai dar muito trabalho.

Mas o que gostava mais, e já ando há muito tempo para fazer para mim, era fazer um andar na garagem para ter melhores condições para trabalhar e a minha mulher sempre gostou de ter uma casa com jardim fora do meio da povoação.

## **Avaliação "*São coisas que se perdem*"**

Acho bem este projecto de recolher as histórias das vidas das pessoas. Isto são coisas que se perdem. Há pessoas aí antigas que sabem coisas que vão desaparecer. Mesmo as fotografias de pessoas antigas e de coisas que faziam é interessante. Agora ninguém quer saber por vezes dessas coisas que se faziam. E algumas quase se perdem. A minha madrinha, a dona Urbana, é aquela que

entrou no filme, essa com a idade que tem mas tem uma cabecinha, cuidado. Sabe muitas histórias, muita coisa que é importante preservar.



**Jorge Costa no Outeiro onde faz as colheres de pau (23 de Janeiro de 2007)**